



AVENIDA RUISSA 620 820 TEL. 299263 SAO PAULO

*livraria*  
**Parthenon**

**EXAME**

**DA**

**CAUSAS, QUE ALLEGOU O GABINETE DE THUILHERIAS**

**PARA MANDAR CONTRA PORTUGAL**

**OS EXERCITOS**

**FRANCEZ, E HESPANHOL**

**EM NOVEMBRO DE 1807.**

**POR**

**FRANCISCO SOARES FRANCO**

**LENTE DA FACULDADE DE MEDICINA,**

**E BACHAREL FORMADO EM PHILOSOPHIA.**



**COIMBRA,**  
**NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.**

**1808.**

*Com licença do Governo.*

*L'injustice, et l'exagération peuvent quelquefois se jouer des Nations; mais l'expérience a prouvé, que la durée de ces fléaux est passagere.*

MONITOR DE 13 de NOVEMBRO DE 1807.

MEC. UFRM. BIBLIOTECA CENTRAL

Nº de chamada

F 325 1808

Fornecedor

Bussiana Parthenon Ltda

Forma de pagamento

Compra

2116/78

Empenho

1.150,00

preço

22618/79



*Primeira Conta do Ministro das Relações Exteriores, sobre o estado (1) das cousas de Portugal, dada ao Imperador, e Rei a 21 de Outubro de 1807.*

**A** Primeira reflexão, que se offerece, he a data desta Conta; diz-se feita a 21 de Outubro, e só appareceu no Monitor de 24 de Janeiro; que razão teria Napoleão para esta longa demora? He mais provavel, que fosse feita depois da Conquista de Portugal, com o fim de illudir algumas Potencias, e mais ainda os proprios Francezes, e lhe mandasse pôr antidata. Esta opinião se torna quasi certa, se reflectirmos, que a Conquista deste Reino não podia ter d'úvida, sendo invadido pelas forças reunidas de França, e Hespanha, e era desnecessario suspender a publicação desta Conta, se estivesse já feita.

Senhor: o Tratado de *Tilsit* tinha estabelecido a paz do Continente; *O Tratado de Tilsit foi o Tratado da partilha da Europa; apenas Bonaparte chegou a Paris, logo publicou de buma maneira solemne que faltava fazer a federação das Hespanhas, e das Italias: estava pois declarada a guerra á Hespanha, a Portugal, e á Grecia. A Russia tomava a seu cargo a Suecia; mas não se lhe consentia a invasão da Turquia, em quanto Bonaparte não estivesse perto, para se apossar da maior, e melhor parte. O tempo foi descobrindo todos estes ajustes. As fronteiras da Dinamarca estavam observadas por hum Exercito Francez: a Austria escaparia a esta desordem universal? Não certamente; tambem havia deixar de ser Monarchia. Tal era a paz, que os dous Imperadores acabavão de dar ao Continente.*

E dava esperanças da paz maritima. Não sabemos, em que se fundava tal esperança: não na Justiça: porque Bonaparte tinha

---

(1) Na Conta que deu *Champagny* ao Imperador á cerca dos Negocios de Portugal, he que vem desenvolvidas as causas da invasão deste Reino pelas Tropas Francezas, e por esse motivo tomámos a nosso cargo fazer o exame desta notavel Peca. Como os factos em que o Ministro se apoia, são muito conhecidos, não he preciso ter assistido ás deliberações do Gabinete Portuguez, para se dar a sua completa refutação. Não nos foi possivel alcançar o Monitor, onde vinha por extenso esta Conta. Em falta do Original hum Amigo nos subministrou a presente Traducção, de que nos servimos, a qual pela maneira com que está escrita, nos parece verter com bastante exactidão o sentido do Author.

estendido excessivamente as fronteiras da França; conquistado toda a Italia, e Dalmacia; governava a seu arbitrio a Alemanha, a Hollanda, e a Suissa; queria fazer o mesmo ás Hespanhas, e quasi de certo ás outras Potencias Continentaes ainda não abismadas pela voragem revolucionaria. Nada queria ceder de suas Conquistas, ou de sua prepotencia; e esperava então sem Nãos, sem Marinha alguma dar a lei no mar á maior Potencia maritima, que tem tido o Universo? Esperava, que ella perdesse os fructos de seus extraordinarios esforços, sem compensação alguma? Que chimericas esperanças!

Fundar-se-bia a esperanza da paz maritima na necessidade, em que suppunhão a Inglaterra de a fazer? He este o grande erro dos partidistas Francezes. Os Inglezes se não vendião ao Continente, tambem não compravão, e por consequencia o seu numerario, e os seus recursos fazião o giro dentro do Paiz, e nunca se perdião. Elles não tiravão utilidade real da maior parte dos Paizes Europeos; trocavão generos por generos; assim, perdião algumas commodidades, mas não as suas riquezas Nacionaes. Ha muito tempo, que a Inglaterra via, que o Commercio da Europa lhe bia diminuindo, e escapando, e tinha voltado as suas vistas para a Asia, Africa, e America. Quando muito, achava-se obrigada a mudar a direcção da sua industria Commercial; como por ex. diminuir as suas fabricas de panos, e augmentar as das Fazendas proprias dos Paizes quentes, etc. Grande mal! Estaria por isso perdida? E a troco dessas mudanças havia Inglaterra fazer buma paz, que cavava a sua sepultura, e abria para toda a Nação hum abismo de horrores incommensuraveis? Quem não via, que por meio da paz os Francezes podião construir muitas Nãos, provêr os seus Arsenaes, aparelhar toda a Marinha, extender o Commercio, criando assim hum viveiro de habeis marinheiros, e que no fim de alguns annos estava em estado de disputar á Inglaterra o Imperio dos mares?

Só hum meio tinha Bonaparte para conseguir a paz maritima; e era dissimular perfeitamente a sua ambição sobre o Continente, e tratar com a Inglaterra buma paz util a ambas as Nações: só assim poderia esperar adormecel-a. Porém elle perdeu-se engolfado na vaidade de seus triunfos, errou o verdadeiro caminho da sua propria Ambição, e a querer seguir a Politica da Usurpação não atinou com o verdadeiro golpe.

Duas grandes Potencias se reúnio para a dar ao Mundo. As duas Potencias, se erão grandes no Continente, erão pequenas no mar, e não podião dar aquillo, que devião pedir antes; de mais, a Inglaterra via bem, que a paz entre ellas não era sincera; o mesmo espirito



de *Ambição*, e de *Conquista* que as unira, as havia de separar de huma maneira mais violenta em breve tempo.

V. Magestade a propunha á Inglaterra. Propunha-lhe o *cadafalso*, e *ninguem* o aceita.

A *Russia* offerencia sua mediação. Não estava nas *circumstanças* de ser *Medianeira*; mostrou logo, e foi descobrindo cada vez mais a sua grande *parcialidade* pela *França*. Para declarar a guerra á *Inglaterra* não esperou senão o tempo necessario para se recolherem as suas *Esquadras* ao *Téjo*, a *Trieste*, etc. Depois de declarar guerra á *Inglaterra*, declarou-a á *Suecia*; e se o não fez á *Turquia*, he porque *Napoleão* consentindo a conquista dos *gellos* da *Finlandia*, não permite, que se faça o ataque dos bellos *Paizes* do *Imperio* do *Oriente*, em quanto não estiver prompto, para ficar com a *melhor parte*.

Quem não teria pensado, que a *França*, e a *Europa* hião a gozar do *repouso*, a que aspirão? Que aspirão muito, e muito, he *verdade*; mas novos *Tantalos* cada dia lhes foge mais, por culpa do *Usurpador* do *Continente*, o *bem*, que *appetecem*.

E que os *votos* de V. Magestade para chegar a este unico, e nobre fim de seus trabalhos, de seus triunfos, e de seus *innumeraveis sacrificios*, serião em fim satisfeitos? Poucas vezes se tem fallado tão *solemnemente* á *verdade* em *papeis* desta natureza. Dizer-se de hum *bomem*, cuja *espantosa Ambição* chega a *delirio*; que até tirou ao *Summo Pontifice*, que o veio *sagrar* a *París*, o *Patrimonio* de *S. Pedro*, que em outros tempos lhe dera outro *Principe Francez*, tambem dotado de *ambição*, mas *generoso*; dizer-se de hum *bomem*, que hia sempre fazendo guerra, e dominando a *Europa*; dizer-se, digo, deste *bomem*, que faz *innumeraveis sacrificios*, e que *suspira* pela *paz*, e pelo *descanço*, he não reflectir no que se escreve.

Mas hum novo furor se havia apoderado da *Inglaterra*. Irritada pela *paz* do *Continente*, rejeitou a mediação da *Russia* com *fórmãs injuriosas* para esta grande *Potencia*. Não foi furor, foi *intelligencia*: o *bomem* menos *illuminado* da *Grão-Bretanha* *conbeccia*, que o grande fim de *Bonaparte* era *destruir* a *Inglaterra* pela *paz*, *devastar* a *Europa*, para seus *póvos* não poderem levantar o *jugo* de *ferro*, e depois *levar* o seu *Imperio* coberto de *cadaveres*, e de *crimes*, desde o *Baltico* até ao *Cabo*, desde o *Perú* até ao *Japão*.

A certas *palavras* de *paz*, que V. Magestade tinha feito *escutar*, ella respondeu pela *expedição* de *Copenhague*. Os *Inglezes* já *justificarão* completamente o *ataque* de *Copenhague*. Quando em 1801 a *Russia* se unio á *França*, que partido tomou *Dinamarca*,

*neutral até então? Unio-se ás duas grandes Potencias Continentaes, nem tinha outro. Foi necessario, que Nelson forçasse com a boca do canhão a entrada do Sund. Tornando as duas Potencias a unir-se pela paz de Tilsit, que partido tomaria? O mesmo certamente. Para conservar a sua Neutralidade havia deixar perder tudo o que possuia pegado com terra firme, e pouco a pouco as mesmas Ilhas? Isso são chimeras boas somente para se escreverem. A Protecção da Dinamarca havia fazer-se, como se fez a de Portugal. Que riscos, e que difficuldades não corrião a Suecia, e a Inglaterra, se a Esquadra Russa se unisse á Dinamarqueza? Se em hum mar perfeitamente fechado, e com hum grande Costa occupada pelos Francezes se armassem immensidade de transportes, Lanchas, e outros Navios, pequenos, sustentados por tão grande força de Linha? A invasão pois de Copenhague era de absoluta necessidade para a Inglaterra.*

Assim poz ella o remate ás hostilidades, que ha longo tempo exercita contra todas as Nações, insultando sua bandeira, atacando seu Commercio e Independencia. Não se pôde descrever mais exactamente a conducta de Bonaparte. Elle he quem depois da paz de Tilsit poz o remate ás hostilidades, que exercita contra todas as Nações; elle he quem derriba os Thronos dos outros Soberanos, quem ataca as Pessoas, as Propriedades, a Independencia das outras Nações.

V. Magestade contra quem se encaminhava este odioso systema, tinha certamente direito de convocar as Potencias do Continente para sustentar sua Neutralidade contra Inglaterra, e não servirem de instrumento ao invejoso rancor desta Potencia. Tinha direito de pedir a toda a Europa o concorrer para o restabelecimento da paz dos mares, de que a Europa experimenta tão urgente necessidade, e para a sustentação do verdadeiro direito marítimo das gentes, que a Inglaterra altamente declara não respeitar mais. *Donde procedeu tal direito? Havia por ventura alguma liga, pela qual as Potencias se tivessem obrigado a semelhante guerra? A Europa experimenta grande necessidade de paz marítima: quem foi a causa da total interrupção do Commercio, senão o mesmo Napoleão, quando lavrou em Berlim aquelle Decreto tão extravagante, como impolitico, relativamente ao bloqueio da Inglaterra? E que esperava elle? Os vindouros acreditarão com custo, que hum Monarchia, que quasi não tinha marinha, cuja bandeira só furtivamente podia apparecer sobre os mares, declarasse por bloqueada hum grande Ilha, que commerciava com todo o Mundo, e que possuia a maior marinha do Universo. Só o seu invejoso rancor, só a sua falta de poder podião dictar tão extraordinario papel.*



Se Napoleão declarasse fechados todos os Portos, e bahias, onde chegassem suas armas, diria huma cousa intelligivel: mas então competia aos Inglezes o direito de bloquear esses mesmos Portos; elle pois era o aggressor, e o direito do bloqueio maritimo rigoroso. competia de justiça á Inglaterra.

Póde dizer-se, que não tendo a França meios de fazer a guerra directa á Inglaterra, por falta de marinha, e dos meios de a criar durante a guerra maritima, via-se obrigada a recorrer aos meios indirectos, isto he, forçar as outras Potencias a fechar os seus Portos para diminuir os recursos á Inglaterra. Que por igual Politica em outras idades os Romanos vierão atacar as Hespanhas para dellas expulsarem os Carthaginezes.

Esta Politica he perversa: só convem aos Barbaros ambiciosos, que desejão conquistar o Mundo; taes erão os Romanos, e tal queria ser Napoleão. Se elle não póde fazer a guerra directa, que faça a paz, e não implique as outras Nações nas desgraças inevitaveis de longas guerras. Porém o verdadeiro nó da questão he outro: a guerra maritima he hum pretexto, huma mascara, com que aquelle hypocrita Imperador quer illudir os Soberanos para extinguir todas as Famílias Reinantes, mais Illustres que a sua, para arrastar, e encadear todos os povos, para dar-lhes novos Chefes.

E que liga seria para a humanidade mais justificada, e recommendada pelos interesses mais caros ás Nações? Ora concedamos, que se fazia esta liga: cada Soberano nos seus Estados devia concorrer com os seus Exercitos para ella; era necessario, que viesse hum Exercito Francez a Portugal, outro á Hespanha, e outros a outros Paizes? Era necessario, que Junot depois de estarem os Portos rigorosamente fechados por espaço de tres mezes desse por extincto o Reinado da Serenissima Casa de Bragança, e por dissolvida a Regencia estabelecida por S. A. R.? Era necessario, que Murat declarasse por incapaz de Reinar a Familia Real d'Hespanha? Ah! que a infamia de tamanhos crimes só póde ser igualada pela sua evidencia. Terá por ventura Napoleão a vaidade de julgar, que seus irmãos, e parentes, universalmente havidos por estúpidos, sejam mais habéis, que os Legitimos Soberanos na Arte de Reinar? Não por certo; a sua maldade e a sua estupidez he que lhe servem, para usar delles como de varas de ferro, com que açoute, e devaste o Mundo. E quando fossem homens melhores, e mais habéis, quem lhe deu o direito de examinar, se os Governos dos outros Soberanos são bem, ou mal dirigidos?

Os Inglezes desconheciao a Soberania de todos os Governos;

devião pois todos os Governos por-se em pé de guerra contra os Inglezes ; devião-no ao sentimento da sua dignidade, devião-no para sustentar a honra dos seus póvos ; devião-no para encher todas as obrigações , que ligão entre si os Soberanos da Europa. *Mudando a palavra Inglezes em Francezes fica hum periodo de eterna verdade ; a historia inteira da Revolução , a historia de Bonaparte o confirmão sem réplica. Os Hespanhoes , e Portuguezes o combecerão em fim ; o sentimento da sua Dignidade altamente offendida produzio esta Guerra immortal , que vai calcando aos pés o Orulho Francez.*

A Inglaterra viola os direitos dos Soberanos , quando obriga as Embarcações , que navegação debaixo da bandeira de outra Potencia a serem visitadas pelos Navios Inglezes , a affastar-se da derrota , onde os leva o seu Commercio , e o destino authorisado por seu Soberano ; quando estas Embarcações são arastadas aos Portos de Inglaterra , e sem attenção aos despachos com que vão munidos , e á bandeira , que trazem , os Inglezes as tratão como se as achassem sem authoridade , ou garantia. *Taes são as justas consequencias do direito de bloqueio. Quando a Inglaterra manda bloquear hum Porto qualquer , e dá disso parte aos Consules das Nações Neutraes , nenhum Soberano deve authorisar a navegação para tal Porto ; e o Navio , que tentar romper taes ordens , he de boa preza. Se algum Capitão Inglez visitou Navios sem suspeita , e que navegavão para Portos não bloqueados , cometteo hum particular abuso de authoridade , que o Soberano da Grã-Bretanha havia de reparar , apenas verificado. Era motivo de representação , e não de declaração de guerra.*

Pelas regras do bloqueio , que os Inglezes tem estabelecido , insultão a Independencia de todas as Bandeiras , e violão o Direito público de todos os tempos , que não declara huma Praça em estado de bloqueio , senão quando he atacada por mar , e por terra , e exposta ao perigo de ser ganhada. O direito de bloqueio em tal caso permite impedir , que huma Praça receba socorros , e conserve communições com o Exterior. *Está enganado Mr. Champagny. Humas Praças se bloqueião só por terra , outras só por mar , e outras de ambas os modos , conforme a sua situação , e os recursos da Potencia , que ataca. O fim da Inglaterra não he conquistar os Portos bloqueados : he impedir , que entrem para elles munições navaes , armas , ou outros generos quaesquer , que augmentem os recursos do inimigo. Ora só o bloqueio marítimo consegue muito bem este fim ; he logo licito , e justo. O Autor*



*confunde , ou finge confundir este bloqueio com aquelle , que se põe para conquistar Praças.*

Mas extendendo-o a terras não bloqueadas, a Imperios inteiros , a Costas immensas , nas quaes elles apenas tinham alguns Brigs, algumas Fragatas, os Inglezes tem atacado não somente seus Inimigos, mas tambem todas as Nações Neutraes, cujo decoro, e ainda mesmo sua obrigação pedem fazer respeitar seus direitos. *Custa bem o persuadirem-se os Francezes, que a Inglaterra tem Navios para bloquear a Europa inteira: custa-lhes bem a crer, que humas poucas de Fragatas, navegando encruzadas ora para o Norte, ora para o Sul bloqueiam huma grande Costa. A de Portugal por exemplo se bloqueia facilmente navegando alguns Navios encruzados entre os Cabos de Finisterre, e de S. Vicente.*

Nenhum Soberano ha na Europa, que não reconheça, que se seu Territorio, e sua Jurisdicção chegassem a ser violados com prejuizo de V. Magestade, ficaria por isso responsavel. Se hum vaso Francez fosse aprezado no Porto de Trieste, ou no de Lisboa, o Governo de Portugal, e o Soberano a quem pertence Trieste (*Mr. Champagny ignoraria, que Trieste pertence ao Imperador d'Austria?*) deverião olhar como hum ultraje pessoal esta violencia, e este damno causado a Vassallos de V. Magestade: não poderião hesitar em constranger por força a Inglaterra a respeitar seus Portos, e seu Territorio. Se seguissem hum procedimento opposto far-se-hião cúmplices do agravo feito pela Inglaterra a Vossos Vassallos; constituir-se-hião em estado de guerra com V. Magestade. *Parece, que Champagny quer dar a Napoleão authoridade sobre os outros Monarchas; pois saiba, que não era preciso, que os Navios fossem Francezes; de qualquer Nação, que fossem, o Soberano do Paiz, em que estavão, os devia proteger contra o ataque de qualquer inimigo; esta obrigação todos a reconhecem, e defendem com as suas forças. Quantos Navios Francezes acoçados por Inglezes não tem escapado, acolhendo-se a Portos Portuguezes?*

Quando o Governo Portuguez soffreo, que suas Embarcações fossem visitadas pelos Navios Inglezes, foi violada sua Independencia por seu proprio consentimento pelo ultraje feito á sua Bandeira, como ella o teria sido, se a

Inglaterra violara seu Territorio, ou seus Portos. *Que miseravel Logica! No §. antecedente fallava de Navios Francezes — tomados — nos Portos Portuguezes. Agora neste, que se reputa consequencia do outro, falla de Navios Portuguezes — visitados — no mar alto. Serão cousas semelhantes?*

As Náos de huma Potencia são como porções de seu Territorio, que vogão nos mares, e que cobertas com sua Bandeira devem gosar da mesma Independencia, e ser defendidas das mesmas offensas. *Nãos serem porções de Territorio he descobrimento novo: huma porção de Territorio tambem poderá navegar para Portos bloqueados?*

Este procedimento de Portugal dava a V. Magestade o direito de propor-lhe a alternativa, ou de fazer comsigo causa commum, mantendo os direitos da sua Bandeira, e declarando guerra á Inglaterra; ou ser considerado como cúmplice do mal, que desta violação resultasse aos interesses de V. Magestade. *Que reprehensivel procedimento teve Portugal? O de serem visitados os Navios Portuguezes? Esta especie já tantas vezes refutada torna sempre a apparecer, porque he a unica, que se pode fazer valer. Por ventura as Esquadras Inglezas hão de deixar passar os Navios, sem os visitarem, e os Exercitos, e Officiaes das Alfandegas Francezas estabelecidas em grande parte da Europa hão de examinar todos os Mercadores, e Passageiros, para verem se têm fazendas Inglezas? Os Francezes forão de surpresa atacar Liorne, Porto Neutral, sequestrarão todas as Fazendas Inglezas, e admirão-se de que no mar se lhes faça o mesmo?*

Em toda a parte se tem reconhecido a necessidade de tomar contra a Inglaterra disposições semelhantes, de fechar-lhe os Portos todos, de applicar-lhe por represalia a inhospitalidade de seus principios. O Inimigo do Continente deve ser reduzido a interdito no meio dos mares, de que pertende reservar-se o Imperio. *Em toda a parte tem o cruel Napoleão obrigado as Nações Neutraes a cortarem a si mesmas o seu Commercio, e a estancarem as fontes das suas riquezas. A inhospitalidade dos principios do seu atroz Decreto de Berlin forçou a Inglaterra (depois ainda de alguns meses de contemporisação) a justas represalias. O Inimigo do Continente, e do Mundo deve ser reduzido a interdito no meio do mesmo Continente, de que pertende arrogar-se o Imperio.*



Nesta situação todas as Potencias podião , e devião esperar huma d'outra hum reciproco apoio. A separação de huma dellas era huma infracção das Leis de confiança , e de interesse , que as união todas ; rompia a cadêa protectora estendida á roda do Continente , e abria ao Commercio da Inglaterra hum culpavel accesso , quando todos os outros Estados concertavão seus esforços para excluir seu Inimigo commum da feira da Europa. *Que serie de extravagancias ! Com que , era do interesse de cada Nação vedar a si mesma todo o Commercio , sem o qual não ha giro algum , e por consequencia nem Agricultura , nem Industria , nem riqueza Nacional ? Com que , o Commercio só he util á Inglaterra , e todas as mais Nações perdem , quando commerceião ? Parece , que Champagny não tinha nem as primeiras noções desta Sciencia. Por ventura ignora o que Mirabeau diz , que aquelle Principe , que interrompe o Commercio com os seus visinhos , pensando prejudicar-lhes , corta a garganta a si mesmo ?*

*Suponhamos porém , que havia necessidade de se formar huma liga , que tomasse por base o principio , de que a bandeira cobre a mercadoria : era em hum tempo , em que Bonaparte tinha provocado a Inglaterra a justas represalias , e atacado a Independencia de todos os Neutros pelo seu Decreto de Berlin , que poderião lançar-se os fundamentos de tal liga ? Era em hum tempo , em que as marinhas de todas as Potencias Europeas , enfraquecidas , bloqueadas , e desunidas não podião combater as Esquadras Inglezas , que se devia cuidar de huma guerra maritima ? Mas para que nos cançamos ? He já tempo de explicarmos o enigma do Decreto de Berlin.*

*Bonaparte tinha tornado quasi nulla a Potencia Austriaca ; tinha comprado os segredos do Gabinete Prussiano , e acabado totalmente a Monarchia do Grande Frederico. Concebeu então o projecto da Conquista , e devastação da Europa. Fez pois o Decreto do bloqueio da Inglaterra , persuadido , e desejando , que esta usasse de represalias : propunha então ás Potencias Neutraes , que declarassem guerra á Inglaterra , para sustentarem a honra da sua Bandeira ; se a declaravão , vinha hum Exercito Francez proteger a Nação contra a imaginada invasão dos Inglezes ; se a não declaravão , vinha hum Exercito Francez vingar a affronta , e fazer a Conquista ; de maneira que por todos os modos a França havia conqui-*

var a Europa. Não se cuide, que isto he só verosimil; a invasão de Portugal correu exactamente todos estes periodos. A Hespanha, antiga, e intima Alliada da França não estava em nenhum dos dous casos: não havia pretexto algum para o seu ataque; rasgou-se a mascara, e disse-se; que a actual Dynastia Hespanhola era velha, e incapaz de reinar: maior desaforo não contão por certo os Fastos do Genero Humano. Não era mais decente, e até mais Politico dizer com Alexandre — tenho sede de Conquistas em quanto souber que ha homens, e Mundo para Conquistar.==

E em que momento trahio Portugal a causa do Continente? A Inglaterra devia esperar ainda hum Alliado, quando exercendo suas violencias por todos os mares, ameaçava o novo Mundo, e o velho, atacava sem motivo de aggressão a Bandeira dos Americanos; e inundava suas proprias praias com o seu sangue; quando vergonhosamente famosa pelos desastres de Copenhague, que surpredeou no meio da paz, e sem defeza, buscava no saque de seus Arsenaes alguns tristes, e sanguinolentos despojos? Não havia causa geral do Continente, nem Portugal a trahio. Que importavão a esta Nação as disputas entre Inglaterra, e America? A guerra entre estas duas Potencias vinha todos os dias annunciada, como proxima, nos papeis vendidos á França, e não rompeu ainda. A America não precisava de Campiões, que defendessem o seu decoro; e Portugal não era hum Alliado da Inglaterra; era huma Potencia Neutra, que tinha comprado por muitos milhões a sua neutralidade á propria França. Tornão outra vez no fim deste § as aflições relativas á conquista de Copenhague: Sabemos que foi o golpe, que mais custou a Bonaparte; que começou a cadêa funesta de suas desventuras; que lhe era de summa importancia ter huma poderosa Armada dentro do Baltico: porém tenha paciencia; a vigilancia Ingleza estallou os seus projectos: he o que nos succede, quando nos medimos com homens de mais talentos, do que nós.

Mas o escandalo deste accordo do Governo Portuguez com a Inglaterra remonta a outros tempos. Quando a Inglaterra meditava em 1806 reacender na Europa a guerra, que V. Magestade gloriosamente terminou, enviou huma Frota a Lisboa; os Ministros fizeram conferencias; o tempo descobrio



seus fins, e resultados. Até agora ainda não lemos, senão ideas vagas, e absolutamente falsas sobre ligas, e interesses do Continente, insultos de Bandeiras, &c. e nenhum motivo real de escandalo: começa o primeiro, e he a vinda da Esquadra de Jervis a Lisboa. Se os Francezes ignorão a razão, porque ella veio, nós lha vamos a aclarar.

Quando Lauderdale, e Taleyrand negociavão a paz entre as duas Nações, o segundo em huma das suas ultimas Conferencias, fallou da Conquista de Portugal; querendo-se já fazer então o mesmo, que se fez em Novembro de 1807. Os Inglezes se aterrorarão, com razão, pela nossa sorte, Jervis appareceu em Lisboa para avisar a nossa Corte do perigo imminente, e para sustentar a retirada de S. A. R. para o Brazil, unico recurso, que lhe restava contra a maldade, e perfidia de seus inimigos. Nesse mesmo tempo rompeu a guerra da Prussia, não acendida pela Inglaterra, como falsamente se diz, mas provocada pelas pertençações injustissimas, e sempre renascentes de Napoleão. Como este Perfido vio escapar a occasião, fingio, que a proposta da Conquista de Portugal tinha sido hum laço armado á Inglaterra, e assim foi dito á nossa Corte, que não sei, se o acreditou, ou não. Mas he certo, que a guerra do Norte suspendeu por tempos o ataque de Portugal: apenas ella acabou, e Bonaparte voltou a Paris, repentinamente metteno hombros ao seu antigo projecto. Tal he o grande escandalo, que demos aos Francezes.

As Esquadras Inglezas enviadas ao Rio da Prata não deirão fundo no Rio de Janeiro? As tropas, que elles lançarão em Buenos-Aires, e Monte-Video não recebêrão vitualhas do Brazil? Estes soccorros remotos podião escapar á attenção da Europa, mas ella vio Portugal recolher, e abastecer em seus Portos as Náos Inglezas destinadas ao bloquicio de Cadix, e que hião atacar Constantinopla, e o Egypto; as que devião desembarcar Tropas no Reino de Nápoles, para ahi fazer rebentar a rebellião; as que devião introduzir Fazendas Inglezas em todas as Costas do Mediterraneo, ainda que Portugal soubesse, que todos os Portos do Meio-dia lhe estavam fechados. Todas estas cousas se fazião muito legitimamente: Mr. Champagny devia lembrar-se, que se tinha ajustado huma Neutralidade entre Portugal, e França, durante a guerra actual com Inglaterra. Os Inglezes po-

*dião , assim como os Francezes , entrar nos nossos Portos , contanto que não excedessem o numero estipulado . Se os Inglezes entrarem no Rio , já os Francezes se não lembrião , que a Esquadra de Jeronymo Bonaparte esteve fundeada na Babia , onde se proveo , e demorou , e nem por isso os Inglezes se queixarão .*

Hum Consul Francez , que Portugal tinha recebido , e admittido a exercitar suas funcções no Porto de Faro , foi arrancado de sua Casa pelo Intendente das Alfandegas ; foi arrastado aos Calabouços , e não sahio senão para ser deterrado ; e o Governo Portuguez se recusou por tres mezes a reparar este ultraje . *A que ninharias se não recorre , quando não ha solidos fundamentos para fazer a guerra ! Este Consul era hum grande malvado , criticava amargamente o Governo , e commettia todos os crimes ; era hum destes homens perversos , que precedem constantemente os Exercitos Francezes para semeanem a discordia entre os povos , e o Soberano , e servirem de espias . Foi prezo este homem ; mas pouco depois se soltou , e se mandou prender o honrado Ministro , que o prendera ; e tudo a representação de Mr. Herman então Consul em Lisboa : como porém não se enforcou , ou queimou vivo o dito Ministro Portuguez , não se derão por satisfeitos os Senhores Francezes .*

Protestações de Neutralidade velavão mal este procedimento hostile ; a Corte de Lisboa teve de explicar-se sem rodeios ; V. Magestade lhe propoz acceder ao Systema do Continente , e á custa disto se esqueceria de tudo . *Protestações de Neutralidade ! Não erão protestações , era huma Convenção ajustada , e ratificada pela França . Procedimento hostile ! Não apontarão hum só caso bem fundado até ao presente . Propoz acceder á causa do Continente ; quer dizer , propoz ser Vassallo de Napoleão , e cúmplice de todos os seus crimes ; pois podemos affirmar , que nem ainda assim elle se esqueceria de assentar no Throno Portuguez huma Dynastia nova , nem assim se esqueceria de assolar o nosso Paiz , de nos reduzir a escravos .*

Se Portugal abraçava este Systema , devia affiançar a V. Magestade as suas disposições ; e já que tinha permittido que Francezes , e propriedades Francezas fossem tomadas pelos Inglezes , a bordo de suas Embarcações , devia elle a



requerimento de V. Magestade prender os Inglezes, que viajavão em Portugal, e aprezar as Mercadorias Inglezas, como refens para vossos Vassallos, como indemnisação por suas perdas. *A Mr. Champagny esquece hum artigo, a que tambem Portugal estava obrigado, segundo a requisição de seu Amo; era a entrada do Exercito Francez para (dizia Bonaparte) guarnecer os Portos contra os Inglezes. Que taes crão as moderadas e justas proposições da França! Fechar os seus Portos aos Inglezes, e em consequencia do bloqueio subsequente, a todas as Nações — cativar todos os Inglezes estabelecidos em Portugal — roubar as suas propriedades — deixar entrar hum Exercito Francez. E quem havia de ser o executor de tão execrandas acções? O proprio Governo Portuguez. Antes não ser Principe; que digo! Antes deixar de existir, do que ser traidor; prender, e roubar huns Estrangeiros, que estavam de boa fê dentro das nossas habitações! Só na boca de hum Tigre, se Tigres fallassem, podia caber semelhante proposição.*

*A nossa Corte respondeo com Honra: que fecharia os Portos; quando se tivessem recolhido os muitos Navios, que tinhamos no mar, a nossa Esquadra do Estreito, e posto em segurança as Colonias: que S. A. R. não podia convir em mandar Elle mesmo prender e sequestrar as Pessoas, e Fazendas Inglezas, que vivião, e estavam em Portugal debaixo da salva guarda da Honra Nacional, e dos Tratados; e porque nesse tempo mesmo consentia a Inglaterra o grande Commercio, que se fazia entre Portugal, e França para os Portos não bloqueados; que se os Francezes tinham perdido alguns bens, a bordo dos Navios Portuguezes, tomados no alto mar pelos Inglezes, fosse com justiça, ou não, S. A. R. estava prompto para restituir á França o seu importe: que não havia para guarnecer os nossos Portos necessidade alguma de entrarem os Exercitos Francez, e Hespanhol no Territorio Portuguez: que conhecia não poder resistir á força das duas Nações, mas que tinha grandes Estados, onde se fosse estabelecer.*

*Desde então os Amigos do seu Soberano, e da Patria conhecerão a necessidade da Familia Real se retirar para o Brazil. Muitas Memorias se offerecerão a este respeito; hoje me lisongeo de ter sido huma das Pessoas, que mais activamente sustentou esta opinião. Quem não via, que a alma feroz*

de Bonaparte não desandava? *Quem não via, que ella caminhava como huma violenta, e cega machina até derrubar os Thronos, e transtornar todas as antigas instituições Sociaes?*

*Porém depois, que S. A. R. descobriu huma tão Magnanima Resolução, digna de si, e dos seus, opposta aos interesses, e ás vistas tyrannicas de Bonaparte, que queria, pondo o pé em Portugal, como ponte, salvar o immenso váo do Atlantico, conquistar, e destruir ambas as Americas, fatal á França, fatal á Europa, que mais cedo ou tarde havia estar dependente da America, então estava perdido; não podia recuar, sem certeza de perder a liberdade, e talvez a vida. Anobre Resolução de S. A. R. era pois a melhor reposta, que se podia dar á desenfreada audacia de Napoleão.*

Mas longe de defferir ás propostas de V. Magestade, o Governo Portuguez não tomou por ellas outro cuidado mais do que o participal-as á Corte de Londres, tranquillisar a Inglaterra á cerca dos seus interesses, affiançar-lhe a segurança dos Inglezes, e de suas propriedades em Portugal. O Governo Portuguez fez o que devia; mas Champagny devia tambem escrever, que o mesmo, que se mandou dizer á Corte de Londres se escreveu para a de Paris. *Donde nascerá a má fé de se dizer, que quiz tranquillisar a Inglaterra, dando-se nisso a entender, que se encobrio a verdade á França? Nasce de querer elle, e os mais satellites de Napoleão enganar os Francezes.*

Eile não tinha protegido nem os Francezes, nem seu Comércio; as pessoas, e Comércio de seus inimigos continuarão a ser livres, e favorecidos. *Outra insigne falsidade: Portugal favorecia ambas as Nações; até em Lisboa erão os Francezes muito mais considerados: seja prova disso o que passou com Lannes, com o proprio Junot, e com muitos outros: seja prova da actividade do nosso Comercio para França a quantidade de Navios Portuguezes, que estavão nos seus Portos, quando em Setembro de 1807 Napoleão os mandou embargar, e tomar por perdidos.*

Promette-se sim unir-se á causa do Continente, e até declarar guerra á Inglaterra; mas quer-se fazel-a, para assim dizer, de acordo com esta: fornecer-lhe debaixo de apparencias hostís os meios de continuar seu Comercio com Portugal, e Portugal com o resto da Europa; genero de guet-



ra equivalente a huma Neutralidade aleivosa. Não ficou só em promessas ; fecharão-se effectivamente os nossos Portos ; os Ingleses os bloquearão depois ; a Inglaterra não commerciava connosco , nem nós com o resto da Europa , e apezar disso entrou o Exercito Francez. Dir-se-ha , que Portugal fazia tudo isto de má vontade ; sem dúvida , que o fazia : e querião os Francezes , que não tivessesmos sensibilidade alguma , que beijassemos a mão , que nos açoutava terrivelmente ? S. A. R. via estancadas as grandes rendas das suas Alfandegas ; o Comercio perdido ; a Metropole isolada , e separada das Colonias , o seu Povo exposto a morrer de fome , e de pobreza , e havia fazer tantos sacrificios alegre , e satisfeito ? Isso era impossivel ; podemos governar as acções dos outros homens , mas não o sanctuario dos seus sentimentos.

Se Napoleão não quizesse sinceramente senão a guerra maritima , e desconfiava , que continuassemos o Comercio com Inglaterra , mandasse Commissarios para os nossos Portos , que vigiassem sobre esse artigo. Hum Navio , ou huma Esquadra não são cousas , que deixem de se ver muito bem : era huma insolencia , he verdade ; mas ao menos mostrava , que queria ter com os Portuguezes alguma , inda que levissima , attenção. Porém fazendo logo marchar Tropas , era mais que obvio , o que depois a experiencia mostrou cabalmente , que a guerra maritima era hum pretexto , a vassal'agem de todo o Continente , o seu fim real.

Pedem-se soccorros á Inglaterra , e para ganhar tempo , tenta-se enganar a V. Magestade por declarações apparentes ; allegão-se escrupulos sobre algumas das consequencias da guerra , quando nenhuns se tem sobre a mesma guerra , que rompe todos os laços. He incrível como os Francezes depois da Revolução alcançarão huma impudencia em escrever quantas falsidades lhes lembra. Não ha cousa mais sabida do que o não se terem pedido , nem querido soccorros alguns da Inglaterra. E como se havião pedir , se Portugal não fazia o mais leve preparativo de defeza ! As Tropas vinhão marchando para a Costa de mar ; as Praças das fronteiras , e os desfiladeiros ficarão em hum abandono absoluto ; e queria fazer-se a guerra ? Chama escrupulos o esperar , que se recolhesse a nossa Esquadra do Estreito ; que chegassem os muitos , e ricos Navios , que tinhamos no mar ; que

*se atautelassem as opulentas Cidades pouco defensaveis, que possuímos na America, e na Africa? Mr. Champagny parece estar fóra de si.*

Debalde V. Magestade dignando-se condescender com estes pertendidos escrupulos modificou suas primeiras petições; renováram-se as mesmas recusações. Faz promessas Portugal; mas sobre diversos pretextos retardá-as. Ora he o PRINCIPE da Beira, hum Menino de doze annos, que se pertende enviar ao Brazil para defender esta Colonia: ora he huma Esquadra esperada do Mediterraneo, que se quer pôr em segurança no Tejo. Napoleão nunca cedeu dos pontos principaes: fingio abrandal-os alguma cousa para ver, se adormecia S. A. R., e podia apossar-se de Sua Augusta Pessoa, para que não executasse o fatal projecto da viagem para a America: além disso não instou duas, ou tres semanas nas mesmas requisições; mas porque não instou elle? He porque o Exercito chamado da Gironde, destinado contra Portugal, ainda não estava prompto. Bnapartè chegou a Paris a 27 de Julho: logo expedio o Expresso a Portugal, logo mandou formar o Exercito de Bayouna; gastarão o mez de Agosto as Tropas para virem de partes muito remotas; já a 3 de Setembro Junot estava naquella Cidade. Por todo o Setembro, e parte de Outubro vierão vindo as differentes divisões, e o Exercito começou a sua marcha para Hespanha a 19 de Outubro. Atravessou a Hespanha inteira até Alcantara em hum mez; e a 19 de Novembro entrou, sem descansar, em Portugal. Taes forão os vagares, e modificações, com que o Gabinete Francez tratou o nosso.

A Esquadra Portugueza se preparava para conduzir ao Brazil ou o PRINCIPE da Beira, ou S. A. R. conforme as circumstancias; porque os perfidos designios de Napoleão começavão a ser patentes, e hum Soberano nunca se deve deixar cercar de bayonetas estrangeiras. Se o PRINCIPE da Beira fosse para o Brazil, não era para defender aquella Colonia, á testa de Exercitos, como ironicamente suppoem Mr. Champagny; era para haver hum ramo de Familia Real naquelles Estados; nem se havião deixar sós, estando os Francezes em Lisboa; porque então facilmente os governarião, e se apossarião pelo menos das ricas Capitánias do Pará, e Maranhão, que há tanto tempo ambicionão, e desejão usurpar. Mas he chegada a occasião de



lbe tirar os motivos das pertenções. *Cayenna*, e as poucas possessões Francezas sitas na Terra Firme fronteira, devem ser conquistadas, os seus habitantes Francezes remettidos para França, ou derramiados pelo Sul do Brazil, e fundar-se ahí huma forte Colônia Portugueza.

Assim Portugal enleado em seus artificios, e contrahindo com a Corte de Londres obrigações reais, e uteis aos Inglezes, com França obrigações simuladas, e vagas, Portugal tinha mandado dizer para as Côrtes de Londres, e de Paris as mesmas cousas, e contrahido as mesmas obrigações. Até das disposições, e intentos da viagem do Brazil se deu parte á Inglaterra, e á França, cousa que se podia muito facilmente encobrir á ultima. Até nos chegámos a lisongear, que Napoleão conhecendo a funesta influencia, que faria na Europa a Independencia da America, suspenderia a invasão deste Reino; porém elle julgava, que na Corte de Lisboa não haveria tamanha resolução, e muito menos no Inverno; não sabemos se teve mais alguns dados para se illudir, como logo diremos, mas he certo, que desta vez se enganou nos seus cálculos.

Espera os soccorros, e conselhos da Inglaterra. A respeito dos soccorros he falso, como já dissemos, e a respeito dos conselhos tambem será crime ouvir-os?

Procura affastar as ameaças do Continente, e humilhando-se diante de huma, e outra, Procurou he verdade, e de que modo! Fazendo immensos sacrificios. Ouvio os conselhos de Hespanha, que propunhão que ainda se evitaria o golpe, se se fechassem os Portos aos Inglezes, e prendessem os que ainda restassem: S. A. R. suppoz sinceridade nestes conselhos, e por não deixar os seus Povos, a sua Patria, os Palacios, que o virão nascer, muitos dos seus criados, e parte de suas riquezas, abrandou de suas primeiras repostas, seguiu os conselhos da Hespanha, e fechou os Portos á Inglaterra, na firme persuasão, que não seria mais inquietado. Aqui está o que os Francezes chamão humilhar-se diante de huma, e outra Potencia! Ah! que esta audacia insultante procede de saberem, que Portugal não se podia defender, que havia de subir a Lei, que lbe quizessem dar. Que vão agora, ou em qualquer idade fazer ao Brazil proposições tão insultadoras; o Enviado, que as levasse, certamente não traria a reposta.

Expocem, como cego, á sorte dos successos os interes-

sês ; Engana-se Mr. Champagny : as noticias de Hespanha fizerão com que S. A. R. rompesse com Inglaterra ; com que deixasse cortar huma perna , por ver se salvava o todo. Logo porém se assentou , que se o Exercito Francez entrasse em Portugal , contra as promessas da Hespanha , S. A. R. se retiraria para o Brazil. Estavão tomadas as medidas para ambas as hypotheses : cego era o Gabinete de Tuilherias se pensava , que estavamos a dormir entregues ao acaso.

E por ventura a mesma existencia de huma Nação , que toda inteira lhe pede não a entregue a huma Potencia tão funesta aos seus Alliados. He preciso , que aclaremos esta supposição dos Francezes : Lisboa abundava em homens , sem Religião , sem moral , e inimigos do Estado ; muitos delles fazião entre si associações occultas , que tinhão por fim destruir tudo o que havia entre nós de mais sagrado , e mais augusto. Estes homens he que convidarão , e instarão com os Francezes ( que não precisavão de rogados ) para virem a Portugal : estes homens he que lhes fizerão persuadir , que tinhão hum grande Partido na Nação. Porém huns , e outros se enganarão , como logo no principio o experimentou Junot , e muito melhor o vai experimentando agora ; porque a maioria de Lisboa , e a totalidade das Províncias conservava o antigo character Portuguez , e via com horror esses monstros ; e essas nuvens de espíões , que enchião , e enchem as ruas de Lisboa. As Authoridades , os Corpos Militares , e a Nação inteira os pesquisarã , os examinarã , e os castigará terrivelmente.

A ephoca , que V. Magestade aprazara para a decisão , que esperava , esta epocha , que V. Magestade quiz prorogar , está chegada. Portugal decedio elle mesmo sua sorte. Elle rompeo suas ultimas communicações com o Continente , reduzindo as legações de França , e Hespanha a deixar Lisboa. Quem não pasmará de ver a arrogancia com que Bonaparte falla aos outros Soberanos ? Nem o Senado Romano insultava tanto os Reis seus vassallos. Assim convem , que vejamos qual foi a porção de tempo , que a bondade de S. Magestade quiz prorogar. Pouco antes do meado de Agosto he que chegou o primeiro correio Francez com aquellas horrorosas proposições , que ninguem sonhava. Passados dias foi a resposta da nossa Côrte ; no meado de Setembro veio outro correio , que trazia o ultimatum , e prazo até ao fim de Setembro. Era tal



*a arrogancia , e acceleração das duas legações , que partirão antes ainda que o Exercito de Bayonna tivesse entrado em Hespanha. Taes forão as prorogações de prazos , que devemos a Bonaparte !*

Assim se descobrem suas intenções hostis , as quaes francamente mascarava huma lingoagem de perfidia , e de doblez. *Com effeito fallar-se a Napoleao de perfidia , e de doblez he hum attentado. Portugal via-se entre dous formidaveis perigos ; deliberava qual dos dous escolheria ; e os Chefes dos hypocritas , e dos perfidos chamão a esta duvida , a esta deliberação perfidia , e doblez !*

Não somente os Inglezes , e suas mercadorias forão postas em salvo , mas os preparativos militares , que Portugal faz , são dirigidos contra a França ; para romper não espera senão pela chegada da Esquadra , e do Exercito Inglez , que saquearão Dinamarca : Louca esperança , que se se realisara poria o remate a todos os seus males ! *Hum habitante do Norte ainda poderá ler este § a sangue frio : mas nós os Portuguezes , e os Hespanhoes , que fomos testemunhas da verdade , nós não podemos ler sem horror tantas falsidades.— Portugal fazer preparativos militares ! Portugal esperar por hum Exercito Inglez , para romper com a França ! Se isto não he sonho , parece-o. Se fizessesmos a guerra , poríamos o remate aos nossos males ? Engana-se Mr. Champagny. Nós estavamos em paz , e lhe preferimos a guerra , e huma guerra de morte contra França. Experimentamos o dominio Francez , e achámos , que o maior mal , que pôde ter hum povo no Universo , he estar sujeito a tal Governo.*

V. Magestade o verá com mágoa alistar-se entre os seus inimigos ; mas não pôde considerar já como huma Potencia amiga , nem como huma Potencia Neutral , aquella que renunciou á sua Independencia , que deixou violar a honra da sua Bandeira , e que sacrificou a nossos inimigos os interesses de V. Magestade , e de toda a Europa. *Se o coração de Bonaparte tinha , ou não mágoa , os fastos dos seus grandes crimes o dirão : as mais asserções são consequencias de principios já completamente refutados.*

Portugal se poz em estado de guerra com França , quaesquer que fossem para com elle as disposições benevolas de V. Magestade. A guerra contra Portugal se tornou para com

V. Magestade hum rigoroso , mas necessario dever. *Mais duas protestações do bom coração de Bonaparte ; prova certa da sua excessiva fereza , e crueldade. Porém se a guerra era hum dever necessario , porque não entrou Junot , como Inimigo ? Porque usou da perfidia de dizer , que vinha como Amigo , e para fazer causa comum ? A razão he porque queria assenhorar-se da Augusta Pessoa do Principe , e de toda a Familia Real. Nisto está o necessario dever da guerra , que cá o trazia : mas para o dizer de passagem , e a Historia depois o provará cabalmente , Junot se marchou com muita rapidez , commetteu grandes erros , aliás chegaria a Lisboa antes da partida da Familia Real ; podia , e devia evitar o Zezere ; devia trazer carne tostada , e pão para alguns dias , para não se demorar nas povoações , nem commetter nellas tantas hostilidades bem notorias.*

O interesse do Continente donde os Inglezes devem ser excluidos força V. Magestade a declarar-a. Mais longas demoras não terminarião senão em entregar Lisboa nas mãos dos Inglezes. *Ainda vinha a tempo esta declaração feita em Janeiro , quando Portugal tinha sido invadido em Novembro do anno antecedente. Sabemos de Conquistas feitas , sem precederem declarações de guerra ; mas fazer-se huma tal declaração , depois de se ter tomado posse de Lisboa , e de todo a Reino , he cousa nova. Aqui tornão a apparecer na Scena os Inglezes a occuparem Lisboa. Quem se lembrará , que os Inglezes se estabelecerião em huma Cidade totalmente aberta , quando a França , e Hespanha Alliadas não tinham guerra nenhuma no Continente ? O mesmo Mr. Champagny , que o escreve , não o cré.*

Tenho pois a honra de propôr a V. Magestade o remetter á Legação de Portugal passaportes para sahir de França , e contemplar como quebrados de todo os laços de Paz , que Portugal quiz quebrar. *Vê-se bem da Historia das Negociações quem quiz quebrar todos os laços de paz com Portugal , e com todos os Povos do Mundo.*

Se esta guerra houver de levar Portugal a soffrer a sorte de tantos Imperios , que cahirão como victimas da amizade da Inglaterra , V. Magestade , que não procura semelhantes successos , *E todos o crêm : este pacifico Imperador não quer nem guerras , nem Conquistas.*



Sentirá sem duvida, que o interesse do Continente a tenha feito necessaria. *Sem duvida; e a não ser o interesse do Continente, para guardar, e proteger o qual Napoleão teve hum missão evidentemente ceeste, este bom Homem não incomodaria hum unica Pessoa no Mundo. Não se pôde ver, sem horror summo, tanta maldade junta a tanta hypocrisia.*

Suas vistas, que se tem constantemente elevado em seu poder, *He talvez a unica cousa, em que Mr. Champagny falla verdade. Apenas Napoleão faz hum compra, ganha hum Gabinete, ou hum batalha, logo levanta as ideas de usurpação a outros climas, a outros paizes: se cbegasse a conquistar as Hespanhas, a destruição da Austria, e da Turquia era tão certa, como a existencia do dia de amanhã.*

Lhe mostrão na guerra mais depressa hum flagello para a humanidade, do que huma nova perspectiva de gloria. *Já enfada tanta hypocrisia relativamente á bondade do coração de Bonaparte.*

E todos os desejos de V. Magestade serião não ter outro objecto de seus votos, mais que a prosperidade do seu Imperio. Sou &c.

(assignado) = *Champagny = Fontainebleau.*

21 de Outubro de 1807.

*Não sei se ha Francez, que creia na sinceridade dos votos de Napoleão: tem sacrificado, e vai sacrificando centos de milhares de Francezes para dar coroas a seus irmãos, ou amigos, e para segurar a sua na cabeça. Que importava á França, que Jeronymo Bonaparte fosse Rei de Westfalia, para se entregarem a morte 200,000 Francezes, na Russia, e na Polonia? Se assim continuar, a prosperidade do Imperio Francez será no outro Mundo.*

F I M.





*Exame da segunda Conta a respeito dos Negocios de Portugal, dada por Mr. Champagny, Ministro dos Negocios Estrangeiros, ao Imperador, e Rei a 2 de Janeiro de 1808.*

**S**enhor: Tenho a honra de pôr debaixo dos olhos de V. Magestade a Conta, que acompanhava a proposição, que eu lhe havia feito, e que V. Magestade approvára, de despedir a Legação Portugueza, e de olhar como rotos todos os laços de Paz, que união Portugal á França. O successo provou, Senhor, quanto era bem fundada a opinião, que eu propunha a V. Magestade das disposições de Portugal, *O que succedeu em Portugal provou, que o PRINCIPE NOSSO SENHOR tomou a heroica resolução de escapar á perfidia Franceza. A Hespanha tinha promettido, que ainda era tempo de salvar esta porção da Monarchia Lusa sita na Europa, tomando-se as medidas, que aconselhava, e de que demos parte no Exame da primeira Conta. A pesar de tantas promessas o Exercito Francez entrou em Portugal de repente de 19 para 20 de Novembro de 1807. S. A. R. o soube em Mafra a 23 de manhã. Desde logo se fizeram alguns Conselhos d'Estado, e nelles foi acordado, que não havia salvação, senão no embarque para o Brazil. E que outra cousa havia succeder, vendo-se, que se faltava ás mais solemnes promessas, e que huma marcha tão accelerada, e encoberta trazia de certo fins sinistros?*

E quanto erão necessarias as medidas activas, que V. Magestade tomou nesta época, e que tão bem ajustadas forão pela rapidez da marcha das suas Tropas. *As medidas de Napoleão contra Portugal forão talvez o maior erro Politico, que ha muitos seculos se tem commettido. Imaginemos por hum instante, que as usurpações de Portugal, e Hespanha hião por diante. A America Portugueza se formava em Imperio Independente: e que partido tomaria a Hespanhola? Os ricos Paizes do Mexico, e do Perú receberião de bom animo o jugo Francez; serião Vassallos fieis de José Bonaparte? Napoleão estava bem fóra de si, bem alheio da verdade, quando de tal se lembrou. Não via, que todos os Paizes sujeitos á*

*França o estavam por força d'armas, e que aborrecião mortalmente a mão de ferro, que os opprimia? Como se podia lisongear de governar Paizes immensos, que vião a perspectiva da sua Independencia, e Felicidade, e onde apenas podia chegar algum Francez fugitivo? O Imperio, e Grandeza da America preconizados antigamente por Vieira, depois por Raynal, e por todos os Politicos, hia a estabelecer-se de repente, em razão das pessimas, e impoliticas medidas de Bonaparte, que vinha desta sorte a ser o mais fatal inimigo da Europa.*

*Se Napoleão tomou mal as suas medidas, Junot na execução das suas ordens commetteu erros gravissimos. Em primeiro lugar não devia mandar apromptar rações nas diversas Povoações, por onde transitava. Quando muito devia mandar adiante Assentistas para terem comprado algum pão, e não muito, por não espantar, e atterrar os Povos. Cada Soldado devia trazer carne tostada para 7, ou 8 dias, que seria o tempo da Marcha até Lisboa.*

*Em segundo lugar, e este foi o erro mais consideravel, e mais util para nós, não devia seguir o caminho de Castello-Branco, e Abrantes; porque tinha de passar montes, desfila-deiros, immensos ribeiros, naquella Estação muito caudalosos, e sobre tudo o Zezere, que o demorou quasi tres dias. Ora se seguisse a margem meridional do Têjo, tudo era pelo contrario. O Reino tem abi 6, ou 7 legoas de menos em largura; não tinha de atravessar nem montes, nem rios; podia mandar adiante dous Regimentos de Cavallaria, para fazerem huma ponte de barcos sobre o Têjo; porque como continuava a perfidia da boa anizade, e não havia Tropas Portuguezas, que se oppossem, tudo se executaria com a mesma facilidade, que em França. Se assim procedesse, chegava certamente a Lisboa, antes da partida de S. A. R. Nem se objecte, que ignorava se acharia alguma resistencia: o Decreto porque se fechavão os Portos aos Inglezes, e mais que tudo as informações exactas, que devia ter mandado tirar do Paiz, se fosse General mais habil, o devião certificar do contrario.*

*Em fim era necessario, que passasse as mais rigorosas ordens não só aos Officiaes, mas até ao ultimo Soldado para não fazerem hostilidades algumas. Arasão he clara; a fama das muitas commetidas pelos Francezes em Castello-Branco, e outras Povoações abriu os olhos á Côrte de Lisboa á cer-*



ca dos seus perigos, e o Povo conhecendo a justiça dos seus sustos, ficou igualmente attonito, e não se atreveo a fazer a mais leve representação contra o embarque da Familia Real.

Junot nem he Militar, nem Politico. Tantos erros só podião caber na cabeça de hum aventureiro tirado da relé do povo, que não tinha estudos alguns, sendo os degráos por onde subio, o ter feito companhia a Napoleão na viagem do Egypto; e na verdade os que a fizerão, forão felizes no seu Governo, ainda que nenhuns serviços tivessem feito á Republica, ainda que não tivessem capacidade alguma.

A maneira com que o mesmo General tem governado Portugal, os infinitos vexames com que o opprimio, e a grande opinião, que tinha do seu bom Governo, e do nosso sincero amor, são cousas, que nos causarião summo espanto, senão fosse tão frequente ver unida á mais extravagante presumpção a mais crassa ignorancia. E continue ainda Mr. Champagny a gabar as grandes medidas concebidas por Napoleão, e executadas por Junot.

Debalde a Corte de Lisboa para enganar a vigilancia de V. Magestade declarou guerra á Inglaterra, vinte dias depois que o Vosso Ministro sahio de Portugal, e quando seu Embaixador tinha voltado a seus lares. E bem debalde fez S. A. R. todos os sacrificios, que erão compatíveis com a sua Honra, e a da Sua Nação; e ainda que os fizesse de qualquer especie, ou natureza, que fossem, tudo seria debalde. He notavel, que o Ministro insista sobre a conta dos vinte dias: se os Portos fossem fechados vinte dias antes, escapariamos á invasão? O Monitor de 13 de Novembro, tempo em que o Exercito Francez marchava ainda pela Hespanha, nos responde, e declara os sentimentos horriveis de Napoleão nas sangnarias palavras seguintes — Depois destas quatro expedições, que provão tão claramente a decadencia Moral, e Militar da Inglaterra, fallemos da situação, em que actualmente deixão (os Inglezes) Portugal. O Principe Regente de Portugal perde o seu Throno: perde-o influido pelas intrigas dos Inglezes: perde-o por não ter querido sequestrar as mercadorias Inglezas depositadas em Lisboa. E que faz a Inglaterra, esta Alliada tão poderosa? Olha com indifferença para o que se passa em Portugal. E que fará, estando Portugal conquistado? Irá apossar-se do Brazil? Não, se os Inglezes fizerem

essa tentativa, os Catholicos os expulsarão. A queda da Casa de Bragança ficará sendo huma nova prova de que he inevitavel a perda de todos os que são amigos dos Inglezes. = *Tal era a sentença; mas já agora saberão os Francezes, que a Casa de Bragança não cabio; e que a sua vigilancia illudio as tramas, e ameaças do Gabinete Francez.*

Era evidente, que esta medida estava concertada com os Inglezes. *Champagny ignora, que a medida de fechar os Portos aos Inglezes foi aconselhada, e ajustada com Hespanha, e não com Inglaterra! Pois as ordens para isso emanadas de França necessariamente havião de passar pela sua mão, como Ministro dos Negocios Estrangeiros. Eu não sei, se Sua Magestade Catholica foi illudida, ou não; como os Negocios da sua Monarchia corrião pelo infame Godoy, he quasi certo, que elle sabia da perfidia, com que se aconselhava Portugal; mas tambem foi victima das promessas enganosas, que se fizeram á Hespanha, e em que elle Godoy tinha não pequena parte. Fosse como fosse, he certo, que o nosso Gabinete, por esgotar tudo, e nada ter de que se arrepender no futuro, adoptou os conselhos, e medidas propostas pela Hespanha, emanadas da França, e de que com hum descaramento inaudito se querem fazer culpados Portugal, e Inglaterra.*

Debalde ella ordenava o sequestro de suas mercadorias; Decreto a que ainda deu alguma apparencia de execução, quando as mercadorias Inglezas de qualquer valor, e os Inglezes tinham sido postos a salvo de toda a medida dirigida contra elles: sua má fé era cada vez mais evidente. *Este § já veio por inteiro na primeira conta; lá, assim como no §. antecedente explicámos os progressos da Negociação, e dêmos os justos motivos do procedimento Portuguez. Só acrescentaremos huma reflexão, e he a seguinte: Se a França comecou a tratar directamente com Portugal, para que no meio da negociação entrou a fazer jogar huma machina nova = o Gabinete Hespanhol =! Foi para adormecer, e enganar a vigilancia de S. A. R. A má fé da França era cada vez mais evidente.*

Ella a adiantou até ao ponto de fazer partir hum Embaixador Extraordinario (que he certo não passou das fronteiras de Portugal) no momento mesmo, em que convenida, de que V. Magestade não podera ser enganado, con-



certava sua fugida com o Ministro Inglez, e com o Cōmandante da Esquadra Ingleza; e poucos instantes antes de receber a nova deste inesperado successo, hum correio Portuguez trazia á Italia a V. Magestade novas protestações da adhesão de Portugal á causa comum; e annunciava a volta de D. Lourenço de Lima, que não sahio de Lisboa, e a chegada do Embaixador Extraordinario, o Marquez de Marialva, provavelmente enganado, como o correio, pela má fé da sua Corte. Este desgraçado correio, chegando á Italia, depois de consumido todo o seu viatico, ahi soube com desesperação, que já não havia Governo. *Mr. Champagny achará a razão de tudo isto no fundo do seu coração; nelle, assim como no de todos os homens está gravada esta grande e primitiva Lei da Natureza = a esperança he a ultima cousa, que se perde =*

*Esta esperança, e não a má fé produzio todos estes sacrificios. Ainda havia quem supposesse, que o fim de Napoleão era somente a guerra maritima. Mandou-se em consequencia o Marquez de Marialva a dar a Napoleão os parabens pelas suas victorias no Norte, e D. Lourenço de Lima se dispunha a partir, para ver se havia ainda, como se explicavão, alguma taboa, onde se podesse salvar o Estado. As Pessoas que assim pensarão, não conbecião exactamente a Personagem; ella não queria acõmodamento algum; a sua alma usurpadora só se contentava com a propria usurpação; vedou a entrada a todos os Negociadores, e a todas as Negociações; o seu coração de ferro não largava a preza sem a lacerar.*

*Entretanto o Lord Strangford expunha com as cores mais negras, e mais verdadeiras o perigoso Estado dos Negocios; mostrava a S. A. R. que não tinha salvacão, senão na retirada para o Brazil. O PRINCIPE Nosso Senhor concordava nisso: mas protestava ao mesmo tempo, que conservaria o Posto, que a Providencia lhe confiara, se os Francezes não entrassem em Portugal: elles he que precipitarão a sua retirada; elles he que tornarão mais solida a Alliança com os Inglezes, porque nelles se achou huma lealdade a toda a prova, e nos Francezes huma perfidia sem exemplo.*

O fim destes vis artificios era evidente. Portugal fiel á causa de Inglaterra lhe pedia soccoros, e queria ganhar tempo para esperal-os. *Insigne falsidade, que já refutámos no*

*Exame da Primeira Conta. Quem mandaria dizer a Mr. Champagny, que Portugal pedia soccorros á Inglaterra? quem lhe mandaria dizer, que fazia preparativos militares? Não sabe pelo contrario, que se respondeo á Inglaterra, que propanba mandar soccorros, que não se querião, porque não havia a menor tenção de se resistir? Sabe, sabe: mas quer dizer o contrario, porque assim lhe convem; e hum descaramento em faltar á verdade publicamente tão extraordinario nunca se vio em Governo algum do Universo, como no actual de França.*

Mas os soccorros de Inglaterra tem sempre sido funestos a seus Alliados; elles não servirão ao PRINCIPE REGENTE, senão de proteger sua fuga, e assegurar a perda de seus Estados. Os soccorros dos Inglezes tem sido funestos aos Alliados, porque quasi todas as guerras de Alliados são mal succedidas. Cada hum leva a mira nos seus interesses particulares, e em pouco tempo se desunem: daqui a sua inevitavel perda. De mais, os Principes nunca quizerão entender, que a Politica, a Guerra, e tudo o que sabia da França era inteiramente novo, e produzido pela Revolução; que os seus antigos Ministros preocupados com rotinas velhas não lhes servião; que era necessario demittil-os, e substituir nos seus lugares Homens incendiarios, de violenta energia, verdadeiros contra-revolucionarios, que oppozessem meios extraordinarios a huma Guerra, que tambem o era; nada disto fizerão, por isso se perderão.

He tanto verdade o que acabamos de affirmar, que na Hespanha, e Portugal se verificou practicamente a expressada maneira de proceder. Organisarão-se novas Juntas de Governo, e novas molas de Administração; os Generaes, e Officiaes receberão do impulso nacional huma actividade desconhecida; os traidores forão presos, ou decapitados, alguns dos Autores de escritos públicos instruirão ambas as Nações á cerca dos seus verdadeiros interesses, deixarão as antigas formalidades, e fallarão affoutamente. Qual foi o resultado deste novo genero de medidas? A total derrota dos Francezes em ambos os Paizes. Agora já são muito uteis os soccorros dos Inglezes; se até aqui não o erão, a culpa nunca foi sua; foi dos Alliados, que não sabião fazer a guerra á França.

Quando a inteira Península acabar de sacudir o jugo Francez, o que está por dias, então os Inglezes, e Hespanboes



lembrados das victorias do Grande Capitão, e de outros Heroes immortaes, irão a Napoles, e ao resto da Italia, que será o terceiro ponto da guerra fatal aos Francezes; e se os Italianos a souberem fazer como nós, se souberem prescindir das Authoridades ordinarias, para lhes substituirem outras novas, mais energicas, e decisivas, ver-se-ha, se os socorros dos Inglezes são funestos aos Aliados, ou á França; ver-se-ha, se a Casa de Hespanha torna, ou não assentar-se nos Thronos de Napoles, e da Toscana.

O Principe Regente partio a 29 de Novembro O Nosso Augusto Soberano transtornou com a sua Magnanima Resolução todos os planos de Bonaparte. Conta-se, que este Tyranno ao receber na Italia tão funesta noticia ficara por hum pouco mudo, e convulso de furor, e raiva, e logo assignara com letras de sangue o Decreto da Contribuição, e do sequestro dos Bens Reaes, e de todos os Fidalgos, que acompanharão o Nosso Soberano. O Decreto tinha mais Titulos, que não se publicarão; mas geralmente se affirmava serem relativos á Conscrição de 50  $\Phi$  homens: o que he verdade he ter-se achado no Quartel dos Francezes do Convento da Graça de Coimbra huma bolsa, com letras de oiro por fora, que dizião em Francez — Secretario do Exercito de Portugal — e dentro della hum Mappa da Conscrição de Portugal de 50  $\Phi$  homens, já distribuida pelas Comarcas do Reino, e com os Officiaes Francezes nomeados para commandar os diversos Corpos de recrutas; o que prova, que o Decreto relativo á Conscrição era já muito antigo em Portugal. Já estamos livres, Graças á Providencia, Graças ao nosso valor heroico, da peste de taes Decretos.

Nesta mesma Esquadra, que se armava, segundo se dizia, ora para fazer a guerra á Inglaterra, A Esquadra Portugueza nunca se armou para fazer guerra á Inglaterra, senão em hum unico caso; e era defendendo o Porto de Lisboa contra os Inglezes, se acaso fossem sinceras as promessas da Hespanha, e os Francezes não viessem a Portugal; mas vierão; elles mesmos acabarão este projecto, e nos obrigarão a seguir o Partido Inglez.

Ora para transportar ao Brazil o Principe da Beira, filho do Principe Regente, enviado a esta Colonia para embarçar que se entregasse aos Inglezes. A ida do Principe da Beira para o Brazil era huma medida de precaução ao nosso Ge-

verno domestico, e com que não tinhão, nem podião ter nada os Estrangeiros. Ha muito tempo, que os Nossos Monarchas deverião ter sempre no Brazil hum Principe da Casa Real, seguindo a este respeito a Politica do Imperio Austriaco, que constitue sempre nos diversos Governos algum dos seus Archidukes; e são Governos muito mais proximos do Corpo da Monarchia.

O PRINCIPE da Beira, doce esperanza do Imperio Luso, hia ser confiado aos Portuguezes d'alem dos mares, como hum deposito sagrado para o defenderem ou da Perfidia Franceza, ou das Armas Inglezas: e havião defendel-o; porque descendem assim como nós daquelles valerosos Herces, que nos seculos 15, 16, e 17 fizeram assombrar o Mundo, e o enchêrão do Nome Portuguez. Para lá se hião retirando todos os Portuguezes, que tinbaq talentos para menearem a espada, ou a pena: o Brazil seria o nosso Campo de Marte, delá haviamos voltar armados, bem differentes do que fossemos, e os Francezes, que escapassem ao nosso ferro matador, hiriao com seu trabalho fertilisar as immensas campinas da Nova Lusitania. Taes erão nossos votos; taes erão os resultados da ida para o Brazil desse Menino Real, da qual Mr. Champanhy não previa as consequencias.

Mas não soffreo o coração aos nossos Generosos vizinhos tanta demora; arvorarão o estandarte da guerra; investirão com os seus usurpadores; nós fomos fieis ao sinal; fomos fieis á voz da guerra; atacamos tambem os nossos, apesar das poucas armas; a Peninsula ficará livre ao mesmo tempo com pouca differença dos seus importunos hospedes.

A Casa de Bragança se entregou aos Inglezes toda inteira, com tudo o que pôde levar; A Soberana, e muito Illustre Casa de Bragança não tinha outro recurso para salvar a Si, a Gloria, e a Existencia da Nação, senão entregar-se ás ondas, e não aos Inglezes, como falsamente diz Champany. Foi hum espetaculo magestoso ver defronte do Téjo duas grandes Cidades sobre o mar, e a Ingleza soccorrendo a Portugueza de tudo o que a precipitação da jornada não tinha deixado apromptar, e destacando além disso algumas Náos para acompanharem S. A. R. Isto foi patente, e apesar disso os Francezes, e seus malvados Partidistas tiveram o descaramento de dizer em Portugal, que o Nosso PRINCIPE tinha sido con-



duzido por força aos Portos de Inglaterra. Entretanto a Esquadra Portugueza sulcava os mares do Sul, e a famosa Cidade do Rio recebia com transportes de alegria, que approximavão da Apotheosis, o seu adorado Monarcha; e todos os fieis Vassallos que o acompanbarão, forão igualmente agasalhados magnificamente por seus antigos irmãos; porque bem longe de levarem muitas cousas, quasi todos hão faltos de tudo; e S. A. R. levou somente o que era patrimonio de Sua Casa, e deste mesmo lhe ficarão bastantes riquezas, que servirão depois de espolio indecente a Junot, Laborde, Loison, e outros muitos.

E o Brazil não será mais, que hum Colonía Inglesa. Dos immensos Paizes do Brazil he que Mr. Champagny diz, que serão hum Colonía Inglesa! Ignora por ventura, que se estendem desde a Linha até 35 grãos de Latitude Austral? Que comprehendem até ao Tropico de Capricornio os ricos generos dos Paizes quentes, e deste até ao Rio da Prata os dos Paizes temperados, e todos com huma variedade, riqueza, e profusão desconhecidas nas outras partes do Mundo? Ignora que a sua população he já de cinco milhões de habitantes, e sera em poucos annos tripla, ou quadrupla? Lance os olhos sobre a Carta, e verá este vasto Imperio, situado no centro do Globo, coroado de montanhas, retalhado de muitos, e grandissimos rios, povoado de matas virgens, e innumeraveis, com hum terreno muito elevado acima do Oceano, e não areento (circunstancias, que faltão quasi todas á Africa) emfim com todos os dotes da Natureza para ser, como he já, e melhor o será em poucos annos, hum dos primeiros do Universo. A Africa, que tão visinha lhe fica, e de cujas Costas agora seremos mais senhores, a India, cuja viagem se pode fazer do Rio, sem escala, o Perú, e o Mexico, a Europa inteira, que não pode produzir quasi generos alguns Colomaes, todos os Paizes em fim do Universo estão offerecendo pela sua situação, e pelas suas necessidades seus tributos ao Imperio da Nova Lusitania. Este ultimo nome foi daão a estes Paizes pelo Senhor D. João III., que teve lembranças de hir estabelecer a sua Córte na Bahia; o mesmo conselho deu Alexandre de Gusmão ao Senhor D. João V.; sabe-se que na guerra de 1762 o Senhor D. José tinha hum Esquadra prompta para se transportar ao Brazil, se a campanha fosse infeliz. Dizer-se de hum tal Imperio, que será Colonia.

Ingleza, parece impossivel. Se os Francezes o conquistassem, quão diversa seria sua lingoagem!

Portugal está em fim livre do jugo de Inglaterra; V. Magestade o occupa por suas Tropas. *Jugo de Inglaterra!* He provavel, que fosse de ar, porque nunca o sentimos: nunca occuparão com suas Tropas nossas Fortalezas: nunca nos puzerão Contribuições: nunca despacharão Intendentes de Policia, nem Corregedores Mores, etc. etc.

Se os Francezes querem dar esse nome ao Comercio Inglez em Portugal, confundem muito os nomes ás cousas, e de mais enganão-se manifestamente. Nós trocavamos generos por generos, e muitas vezes a balança do Comercio era ainda a favor de Portugal. Concordamos, que podiamos fabricar no nosso Paiz muitas cousas, que não da Inglaterra só, mas da França, e Italia, etc. mas fabriquemolas, e não as compremos, que ninguém nos tem obrigação, ou jugo para isso. Mas já que tocamos neste objecto de si summamente interessante, e ex-  
 cepto, façamos á seu respeito duas breves reflexões: 1.<sup>a</sup> Portugal, sendo Paiz de Meio-dia, não pôde estabelecer a força do Comercio, senão com Paizes do Norte, isto, he com Inglaterra, e depois com o Norte da Alemanha, com o Baltico, e não com França: 2.<sup>a</sup> deste ultimo Paiz poucos generos uteis nos vem; quinquilbarias, rendas, tapessarias, etc. são as suas principaes fazendas; e ás vezes agoas ardentes, que já hum dos annos antecedentes arruinárão os nossos Lavradores de vinbo.

Elle foi deixado sem defeza da banda do mar, e huma parte dos Canhões de suas Costas foi encravada. Assim a Inglaterra as ameaça actualmente, bloqueia seus Portos, quer assolar suas praias. Apenas foi encravada huma pequena bateria, que em poucas horas se podia renovar com outras peças: a defeza da banda do mar ficou no mesmo dia no pé antigo. Os Inglezes continuarão a bloquear os Portos, porque os Francezes estão senhores delles, e he necessario tirar a seus inimigos os meios de se engradecerem. As hostilidades commettidas nas Praias são imaginações de Mr. Champagny, que nunca se realisarão.

A Hespanha teve seus sustos por motivo de Cadix, e tambem de Ceuta. Os Inglezes parece quererem dirigir para



esta Parte do Mundo suas expedições secretas. Desembarcarão muitas Tropas em Gibraltar, chamarão para esta Costa as que forão expulsas do Levante, e huma parte das que tinhamo accumulado em Sicilia. Seus cruzadores sobre as Costas d'Hespanha se tornão mais vigilantes. *He preciso lér vinte vezes este artigo, para nos capacitarmos do mesmo, que estamos vendo. Huns poucos de milhares de Ingleses havião atacar o Corpo da Monarchia Hespanhola? E Napoleão tinha susto a esse respeito? Não parecia tão assustadiço. Porém os Hespanhoes derão a melhor resposta, que podião dar aos seus sustos: atacarão, e destroçarão os Exercitos Francezes, para lhe ensinar a ter mais contemplação com a Honra das outras Nações, e não as envilecer tão pública, e solemnemente.*

Parece que se querem vingar neste Reino dos revezes, que soffrêrão em suas Colonias. Merece pois toda a Peninsula fixar a attenção de V. Magestade. *Dous fins teve esta segunda Conta de Campagny; 1.º gabar as medidas de Napoleão contra Portugal, para o aconsolar a elle, e á Nação Franceza, do máo exito da expedição; porque com a revolução de S. A. R. perderão o apossarem-se desta August. e de hum Infante d'Hespanha, que cá tinhamos; perderão as nossas ricas, e vastissimas Colonias; perderão a nossa Esquadra, e as riquezas patrimoniaes de S. A., e a Posse mesma deste Reino era bem precaria, e quasi nulla, existindo o seu Legitimo Senhor, e existindo Rei de hum tal Imperio; precisava de huma Apologia bem estudada esta desgraçada invasão.*

O 2.º fim da Conta he abrir o caminho para o ataque, e usurpação da Hespanha. E como o Gabinete das Thuilherias não sabe outro meio para chegar ás suas Conquistas, senão o susto das invasões Inglesas, imagina sustos de taes invasões nas partes mesmo, onde he de summa evidencia não poderem ter lugar. Dissipou-se a illusão: agora he que S. Magestade tem bastante necessidade de fixar a sua attenção sobre a Peninsula, e duvido bem, que veja cousa, que lhe agrade.

Eu julguei devia expor-lhe este estado de cousas, sua Sabedoria lhe dictará as medidas, que elle puder exigir.  
Paris 2 de Janeiro de 1808.

Assignado *Champagny*

*Nem*

**N**em nisto falla verdade Mr. Champagny. Primeiramente: Napoleão insinua o que se deve escrever, e nenhum dos Secretarios lhe expõe, senão o que elle manda, que lhe exponhao. O seu espirito quer abarcar tudo; daqui tantos erros; o seu coração quer usurpar tudo; daqui tantos crimes.

Coimbra 4. de Agosto de 1808.









